



ANDREW MIDÕES MAGNO - CHARLINE DE ALMEIDA SOUZA - KARINA SOUZA CAMPOS

PERTENCIMENTOS DISSIDENTES



UNIFAP
Universidade Federal do Amapá

ANDREW MIDÕES MAGNO
CHARLINE DE ALMEIDA SOUZA
KARINA SOUZA CAMPOS

MEMORIAL DESCRITIVO - DOCUMENTÁRIO:

PERTENCIMENTOS DISSIDENTES

Trabalho de Conclusão de curso apresentado como
requisito parcial para obtenção do título de Licenciado/a
em Artes Visuais na Universidade Federal do Amapá.

Orientador(a): Prof. Dr. Fábio Wosniak

MACAPÁ
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Maria do Carmo Lima Marques – CRB-2 / 989

M627p Magno, Andrew Midões.

Pertencimentos Dissidentes / Andrew Midões Magno, Charline de Almeida Souza,
Karina Souza Campos. - Macapá, 2023.
1 recurso eletrônico. 42 folhas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Amapá,
Artes Visuais, Macapá, 2023.
Orientador: Fábio Wosniak.

Modo de acesso: World Wide Web.
Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Artes Visuais. 2. Arte Contemporânea (amapaense). 3. Dissidências
sexuais/gênero. 4. Arte/educação contemporânea. I. Souza, Charline de Almeida. II.
Campos, Karina Souza. III. Wosniak, Fábio, orientador. IV. Universidade Federal do
Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 709.8116

MAGNO, Andrew Midões,; SOUZA, Charline de Almeida; CAMPOS, Karina Souza. **Pertencimentos Dissidentes**. Orientador: Fábio Wosniak. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Artes Visuais. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2023.



ANDREW MIDÕES MAGNO
CHARLINE DE ALMEIDA SOUZA
KARINA SOUZA CAMPOS

MEMORIAL DESCRITIVO – DOCUMENTÁRIO : PERTENCIMENTOS DISSIDENTES

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Artes Visuais, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP, AP), como requisito parcial para obtenção do título de **Licenciado/a em Artes Visuais**.

APROVADOS EM: __/__/__

Prof. Dr. Fábio Wosniak
(UNIFAP)

Profa. Dra. Silvia Marques
(UNIFAP)

Prof. Dr. Alexandre.....
(UNIFAP)

Macapá
2023



AGRADECIMENTOS

Por Andrew Midões

Agradeço pelas orientações do Prof. Dr. Fábio Wosniak, que se mostrou interessado na pesquisa e, desde que entrou no colegiado do curso de Artes Visuais, me deu ótimas referências para estudo. Sem você, certamente, não teria conseguido concluir a pesquisa. Gostaria de agradecer à minha família por todo apoio que me proporcionou durante todo o percurso dos meus estudos no curso. Sem isso teria tomado outros caminhos na minha vida. Agradeço às minhas colegas, amigas e parceiras do trabalho de pesquisa, Charline de Almeida e Karina Campos. Nossas trocas foram fundamentais para a realização desta pesquisa. Meu respeito e admiração por vocês. E não poderia me esquecer de expressar gratidão aos artistas Moara Negreiros, Sereia Caranguejo e Jonas Modesto por sua disposição em contribuir para este projeto.

Por Charline de Almeida

Agradeço primeiramente a Deus pela minha vida e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso. Aos meus familiares, em especial, minha tia Rosângela de Almeida e minha avó Carmina Correia, que me incentivaram e me ajudaram nos momentos difíceis e compreenderam minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho. Ao meu orientador, Prof. Dr. Fábio Wosniak, pela confiança, pela paciência e por prontamente me ajudar sempre que o procurei. Pela orientação e compreensão. Eu realmente aprendi muito com você.

Agradeço também ao artista Moara Negreiros, Jonas Modesto e Sereia Caranguejo, que prontamente aceitaram participar do documentário. Sem eles esta pesquisa não seria possível. Por fim, aos meus colegas de pesquisa, Andrew Midões e Karina Campos, pessoas com as quais eu tive o prazer de conviver e que muito me ajudaram na realização deste trabalho de conclusão de curso.

Por Karina Campos

Agradeço à minha avó, Célia Cordeiro, por ser uma pessoa maravilhosa, que me apoiou de todas as maneiras possíveis durante toda a minha vida. Agradeço aos meus familiares, em especial, ao meu pai Sérgio Campos, ao meu tio Fernando Campos e meus tios Edilma Santana e Aldrin Santana. Também expresso minha gratidão aos meus amigos, que me apoiaram durante toda esta jornada. Amo todos vocês!

Além disso, quero agradecer ao nosso orientador, o Prof. Dr. Fábio Wosniak, que pacientemente nos guiou para o caminho certo. Sem suas orientações, não teríamos sido capazes de concluir esta pesquisa. Gostaria também de agradecer aos artistas Moara Negreiros, Sereia Caranguejo e Jonas Modesto por terem aceitado participar deste documentário. Por fim, gostaria de agradecer aos meus maravilhosos colegas, companheiros e amigos, Andrew Midões e Charline de Almeida, por serem pessoas boas, a quem espero levar comigo pelo resto de minha vida.



RESUMO

Esta pesquisa buscou investigar práticas artísticas dissidentes no contexto do circuito de arte contemporânea amapaense, com base nos estudos de Wosniak (2022), sobre Arte/Educação dissidente e Colling (2018), acerca da cena ativista das dissidências sexuais e de gênero no Brasil. Para alcançar nossos objetivos, desenvolvemos um documentário que apresenta evidências dessas práticas artísticas e divulga a existência desses artistas. Esse documentário foi utilizado como material educativo em um ciclo de formação intitulado "Pertencimentos Dissidentes". Além disso, todas as etapas do processo de pesquisa foram registradas em um memorial, que serve como um documento de referência como recurso didático-pedagógico. Pudemos observar que esta pesquisa contribuiu para a compreensão das práticas artísticas dissidentes no contexto da arte contemporânea amapaense, ampliando o conhecimento sobre a dissidência sexual e de gênero na região.

Palavras-chave: Cis-heteronormatividade. Arte contemporânea (amapaense). Dissidências sexuais/gênero. Arte dissidente

ABSTRACT

This research aimed to investigate dissident artistic practices within the context of the contemporary art scene in Amapá, based on Wosniak's studies (2022) on dissident art/education and Colling's (2018) research on the activist scene of sexual and gender dissidence in Brazil. To achieve our goals, we developed a documentary that presents evidence of these artistic practices and promotes the visibility of these artists. This documentary was used as educational material in a training cycle titled "Pertencimentos Dissidentes." Additionally, all stages of the research process were recorded in a memorial, which serves as a reference document and pedagogical resource. We observed that this research contributed to the understanding of dissident artistic practices within the context of contemporary art in Amapá, expanding knowledge about sexual and gender dissidence in the region.

Keywords: Cis-heteronormativity. Contemporary art (Amapá, Brazil). Sexual/gender dissent. Dissident art.

1. INTRODUÇÃO _____ 08

1.1. Justificativa _____ 09

2. METODOLOGIA _____ 10

2.1. Ensaio Visual _____ 12

2.2.1. Especificações Técnicas _____ 31

2.2.2. Cronograma _____ 31

3. REFERENCIAL TEÓRICO _____ 31

4. DESCRIÇÃO _____ 33

4.1. Escolha dos artistas dissidentes _____ 33

4.2. Pré-Produção _____ 33

4.3. Produção _____ 34

4.3.1. Entrevista _____ 34

4.4. Pós Produção _____ 35

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS _____ 36

6. RESUMO DO ROTEIRO DO VÍDEO _____ 36

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____ 40

8. Notas das imagens _____ 41

1. INTRODUÇÃO

O objetivo inicial deste trabalho consistiu em evidenciar as práticas artísticas dissidentes no Brasil, com um recorte específico nas práticas da região norte do país. A escolha foi motivada pela constatação de uma escassa representatividade desses/as artistas nos estudos sobre artes visuais no estado do Amapá.

Com essa finalidade, a pesquisa buscou investigar as particularidades das práticas artísticas dissidentes no Amapá e sua relação com o contexto social, político e cultural da região. Para tanto, a análise foi concentrada em manifestações estético-artísticas de práticas artísticas dissidentes amapaenses.

Para a realização desta pesquisa, foram selecionados três *artistes* cujas práticas evidenciam questões relacionadas à desconstrução dos padrões cis-heteronormativos¹. Por meio de suas práticas, os artistas buscam evidenciar corpos que se desviam do padrão eurocêntrico, rompendo com os estereótipos e as normas sociais brancas, heterocoloniais e patriarcais.

Considerando que os três artistas apresentam práticas e pautas específicas, a primeira artista, Moka, busca apresentar, em seus trabalhos, a imagem de uma mulher segura de sua sexualidade e identidade. Essa temática é evidenciada em sua prática artística, incluindo técnicas como o grafite, em que a artista explora conteúdos feministas no contexto amapaense. Através do grafite, Moka utiliza a rua como um espaço de intervenção urbana, promovendo a difusão de suas perspectivas para um público amplo e diverso. Nesse sentido, seu trabalho contribui para a construção de um discurso mais inclusivo e plural, que valoriza a diversidade e a liberdade enquanto sua existência como mulher nortista.

A segunda artista, Sereia Caranguejo, tem como foco principal, em suas produções artísticas, questões relacionadas a corpos negres e não-binários, com o intuito de questionar e criticar os padrões cis-heteronormativos presentes na sociedade. Seu trabalho instiga e reflete acerca desses padrões, visando tensionar uma mudança na perspectiva sobre existências outras. A linguagem da performance e a ilustração digital estão presentes na produção de Sereia. Ela explora suas possibilidades de criação e apresentação desses corpos plurais,

¹ Este termo surgiu a partir do conceito de teóricos de gênero e sexualidade, que apresentam a normatividade como heteronormatividade e cisnormatividade, convertendo tais conceitos, até então distintos, em conjunto delimitado e único, que oprime e marginaliza sujeitos inadequados à cisternonorma.

desafiando as normas estabelecidas e ampliando as possibilidades de identificação e representatividade para a comunidade LGBTQIA+ que, historicamente, são marginalizadas.

O terceiro artista, Jonas, amplia a visibilidade de gêneros em sua prática por meio do uso de corpos frequentemente objetificados e marginalizados pela sociedade – o corpo negro. Dessa forma, o artista busca explorar, de maneira provocativa, as reações que esses corpos podem despertar no público, através do erotismo e da ênfase na nudez. É importante destacar que o artista utiliza o desenho tradicional, trazendo um olhar contemporâneo sobre a temática da sexualidade e do gênero, apropriando-se de elementos do *cyberpunk*². Assim, é possível perceber que a obra de Jonas possui um forte caráter subversivo, que busca questionar e desconstruir os estereótipos e preconceitos que envolvem a sexualidade e o gênero, tensionando a fronteira entre erotismo e arte.

A partir do diálogo e da colaboração com esses artistas, foi possível adquirir informações e dados valiosos sobre suas práticas artísticas e suas perspectivas em relação à arte e à cultura no Amapá. Com o objetivo de difundir essas práticas e ampliar a visibilidade desses artistas, foi elaborado um documentário que apresenta a trajetória e a produção de cada um/a deles/as, abordando suas referencialidades, desafios e conquistas. Cada um/a deles/as desempenha um papel fundamental na promoção da inclusão e da diversidade no circuito de arte contemporânea amapaense, contribuindo para o reconhecimento e valorização da pluralidade das existências na sociedade.

² *Cyberpunk* é um estilo que traz uma visão de universo distópica da sociedade, ou seja, visão contracultural, pois foge dos padrões impostos na intenção de obter novos espaços para expressão. É um gênero da ficção científica notado a partir de seu foco na alta tecnologia e vida precária.

1.1. Justificativa

A pesquisa foi concebida com o objetivo de propiciar e evidenciar as práticas artísticas dissidentes no estado do Amapá. No caso de Sereia Caranguejo e Jonas, seus trabalhos vêm tendo pouco espaço para crescer dentro do circuito de arte contemporânea amapaense, o que torna esta pesquisa um importante meio de valorização e incentivo à diversidade cultural e artística do estado do Amapá – levando o destaque para essas práticas artísticas que fogem do padrão de arte amapaense voltada às paisagens regionais e visualidades estereotipadas da vida ribeirinha e indígena.

Com o objetivo de possibilitar diálogos sobre a abordagem de temáticas que fogem do padrão eurocêntrico, encontramos referências em pesquisadores da América Latina: Leandro Colling, Felipe Rivas San Martín e Attilio Rubino, que consideramos fundamentais para a pesquisa em questão. Dentre essas referências, destacam-se aquelas que trazem o ativismo decolonial, bem como uma Arte/Educação dissidente (WOSNIAK, 2022) e sobre ativismo LGBTQI+ (COLLING, 2022), como conteúdos de Artes Visuais para estarem presentes nas salas de aulas da Educação Básica.

Obviamente, as relações entre arte, política e diversidade sexual e de gênero, em especial quando pensamos na história do feminismo, não são novas. As feministas, assim como outros movimentos sociais, tal qual o movimento negro e seu teatro, sempre perceberam que as artes e os produtos culturais em geral são potentes estratégias para produzir outras subjetividades capazes de atacar a misoginia, o sexismo e o racismo. (COLLING, 2018, p. 157)

Nesse sentido, o documentário foi fundamentado nas experiências estético-artísticas desses artistas mencionados anteriormente, que incluem uma mulher nortista e duas pessoas que se identificam como não-binárias. A partir dessas vivências, foi realizado o documentário, que tem como um dos objetivos “erguer a voz” dessas pessoas, como nos ensinou bell hooks (2019), contribuindo para a valorização e difusão dessas formas de expressão artística, e combatendo a invisibilidade e o preconceito em relação a essas existências. O papel social de todos é falar sobre a presença e marginalização desses corpos, bem como discutir abertamente a desconstrução dos preconceitos, para evitar hostilidades e conscientizar as pessoas sobre o quão ingênuas podem ser quando biologicamente levadas a reproduzir as normas da sociedade heteronormativa.

Tendo como possível finalidade o uso como material educativo, para que os professores possam compreender sobre práticas artísticas mais inclusivas em suas aulas, este

documentário pode alcançar um público que tem pouco ou nenhum contato com o circuito de arte contemporânea amapaense dissidente. Acreditamos que parte desse público possa se identificar com esses artistas, tanto por seus trabalhos quanto por suas vivências. Dessa forma, este documentário pode ser considerado como um meio de divulgação desses artistas para o circuito de arte amapaense e para a educação em geral, com grande potencial. É possível que sua abrangência se estenda a proporções maiores e a objetivos mais amplos do que os atuais.



2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada, inicialmente, objetivou mapear e acompanhar processos. Realizamos um levantamento bibliográfico acerca da produção sobre ativismos das dissidências sexuais e de gênero. Observamos que ainda existem muitas pesquisas a serem realizadas sobre este tema. Por isso, a produção bibliográfica se concentra em produções de artigos, principalmente os publicados na Revista *Periódicus*, publicação semestral do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (NuCuS), da Universidade Federal da Bahia.

Assim, após o levantamento bibliográfico, construímos o roteiro para a produção do documentário e tomamos como referência a cartografia, pensando nos conteúdos que nos atravessavam e devem atravessar o ensino de artes visuais.

A cartografia (PASSOS; KASTRUP, 2012) enquanto metodologia nos permitiu não separar teoria e prática, objeto e sujeitos da pesquisa. No momento em que realizávamos a pesquisa, também nos constituímos e nos entendemos como sujeitos pertencentes ao mundo e como dissidentes. A rotina nos fazia estar-junto-na-pesquisa, tensionando a todo o momento uma atitude de não dicotomizar, não binarizar o refletir do agir, do conhecer e habitar. Como cartógrafes-aprendizes estávamos na pesquisa de corpo inteiro.



A realização do documentário nos tencionou a pensar em um ciclo formativo para licenciandos/as em Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá, no qual intitulamos *Pertencimentos Dissidentes*, mesmo título do documentário.

Periodicamente, após o término das gravações do documentário, passamos para a fase de pós-produção. Durante a finalização das últimas edições, começamos a pensar sobre como ministrar e em que formato seria o ciclo de formação. Definimos o público-alvo e, no mês de março, elaboramos um plano para utilizar o documentário como material de formação para futuros professores. Além disso, a processualidade dos dados coletados na metodologia cartográfica nos conduziu a refletir sobre a Abordagem Triangular para pensar as ações na formação.

A Metodologia Triangular, proposta por Ana Mae Barbosa (1987), como base para nosso minicurso, envolveu pensar em proposições onde o desenvolvimento do pensamento crítico, a criação artística e a análise de trabalhos artísticos se faziam presentes e essenciais para o que almejávamos para a formação, um fazer/pensar/sentir sobre as Artes Visuais e seu ensino. Entrar em contato com esta proposta de ensino-aprendizagem nos proporcionou entender que:

A Abordagem Triangular possibilita diferentes caminhos dentro dos âmbitos que a envolvem, do Fazer, Ler e Contextualizar. A imagem do triângulo permite ao professor escolher em qual das pontas iniciará seu trabalho. Por isso, é uma abordagem dialógica. Sua potência está na relação entre a tríade que permite reordenação da prática docente. Assim, não deve ser tomada como um passo a passo. Isso seria perder suas significações em um vazio. (SILVA, 2017, p. 88-95)

O “Ciclo de Formação: Pertencimentos Dissidentes” foi concebido com base na exibição do documentário para os discentes do curso de Artes Visuais da UNIFAP, com o objetivo de propor, em três dias úteis, o uso das práticas dos artistas convidados no referido documentário.

No primeiro dia do minicurso, tivemos a oportunidade de receber a artista Sereia Caranguejo, no qual a mesma se apresentou para os participantes. Foi um momento muito importante para o minicurso, pois os participantes puderam conhecer pessoalmente umas das artistas presentes no documentário. A artista realizou uma performance interativa intitulada “Apreço”, logo no primeiro momento.

Para o segundo momento, propomos uma prática baseada na performance “Apreço” realizada pela artista Sereia Caranguejo. Convidamos os participantes a encher um balão, sem dizer nada, para depois estourá-lo junto a alguém da sala. Após essa proposição, perguntamos aos participantes por que escolheram aquela pessoa específica para estourar o balão, incentivando-os a refletir de acordo com o conceito da performance “Apreço”, que foi apresentada pela artista.

O segundo dia do ciclo de formação foi concebido com base na prática da artista Moka. Apresentamos informações sobre a artista e suas práticas, que serviram de referência para o exercício proposto. Na primeira etapa, apresentamos aos participantes como fazer tinta *spray* utilizando tintas acrílicas, água e borrifadores. Em seguida, contextualizamos a técnica do estêncil e convidamos os participantes a fazer e experimentar seus próprios moldes vazados.

Na segunda etapa da proposição, foram utilizadas tinta *spray* e os moldes produzidos pelos participantes para a criação de estênceis em papéis. O objetivo desse momento foi apresentar, assim como no trabalho da artista Moka, a experiência de cada participante à existência feminina como um tema central, evidenciando a força, a coragem, a energia e sua incessante vontade de reexistir em uma sociedade opressiva. Após a finalização da proposta, os participantes foram convidados para dialogarem sobre o exercício realizado durante o segundo dia, a fim de que pudessem compartilhar suas experiências e pontos de vista sobre o dia.

No terceiro e último dia do ciclo de formação, realizamos uma atividade inspirada na prática do artista Jonas Modesto, que cria ilustrações de corpos dissidentes com temática erótica e o estilo *cyberpunk*. Tendo como referencialidade a prática artística de Jonas, propomos um exercício com a linguagem do desenho e da pintura, explorando a temática do erotismo, valorizando e evidenciando corpos que não se enquadram nos padrões estéticos hegemônicos, utilizando elementos do estilo *cyberpunk*. Ao final, reunimos todos os participantes, para que cada um relatasse o seu processo para chegar ao resultado final da proposta realizada, convidando-os à reflexão sobre o que foi produzido durante os três dias de minicurso, bem como sobre os/as artistas e práticas propostas.



ENSAIO VISUAL



**Registros 1º dia do “Ciclo de Formação:
Pertencimentos Dissidentes”** referenciado
nas práticas da artista Sereia Caranguejo







Registros 2º dia do “Ciclo de Formação: Pertencimentos Dissidentes” referenciado nas práticas da artista Moka.

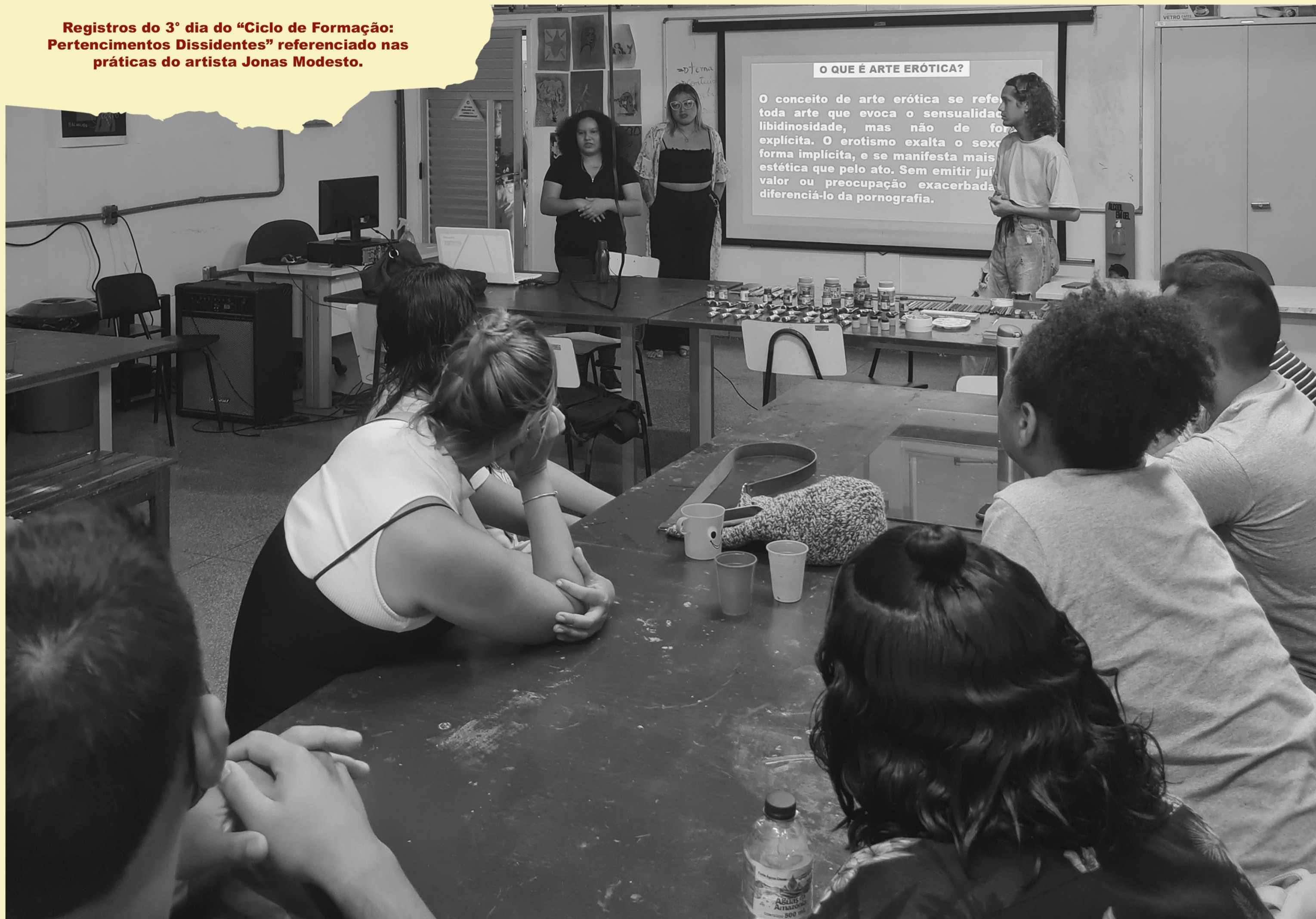






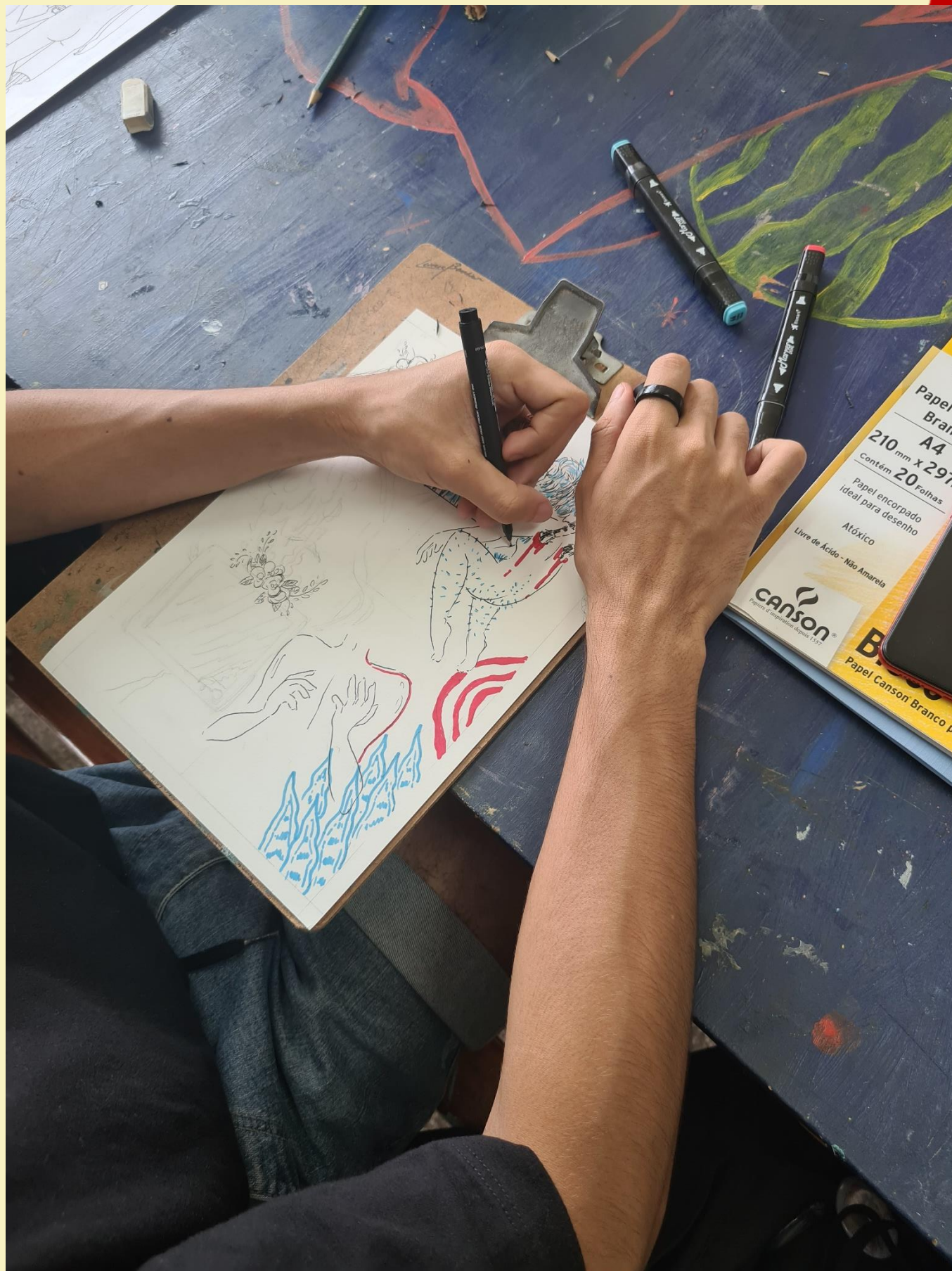


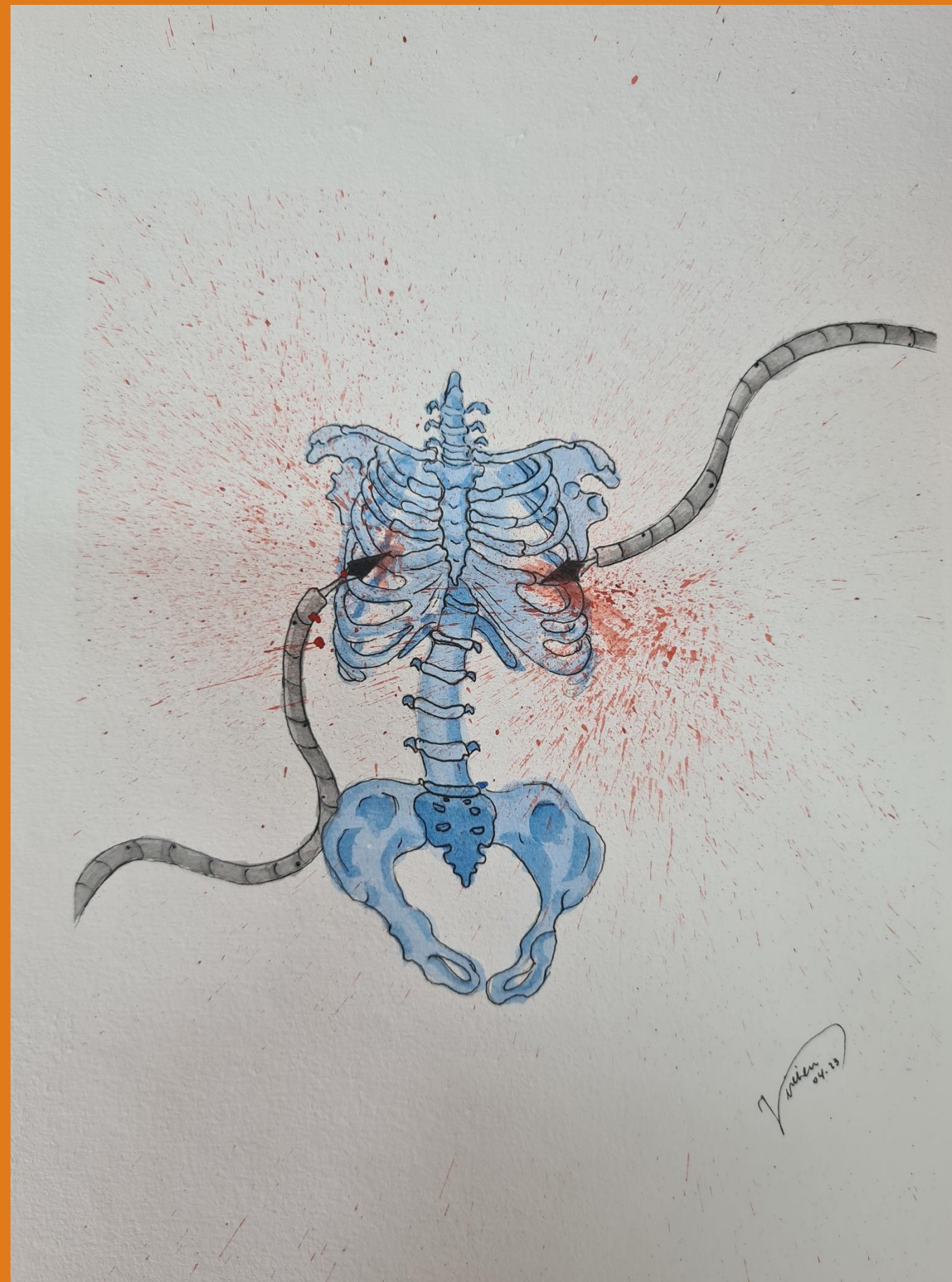
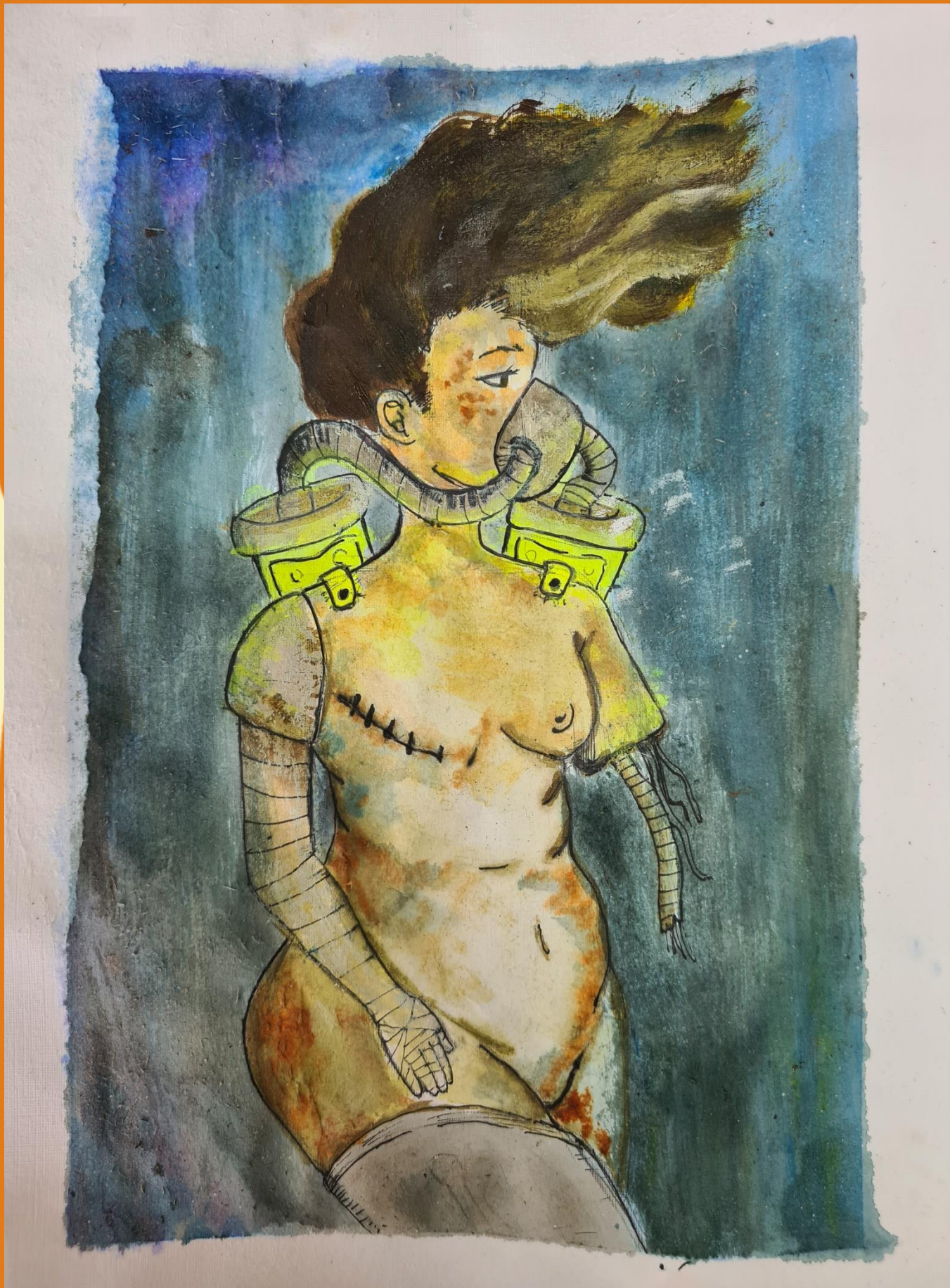
Registros do 3º dia do “Ciclo de Formação: Pertencimentos Dissidentes” referenciado nas práticas do artista Jonas Modesto.

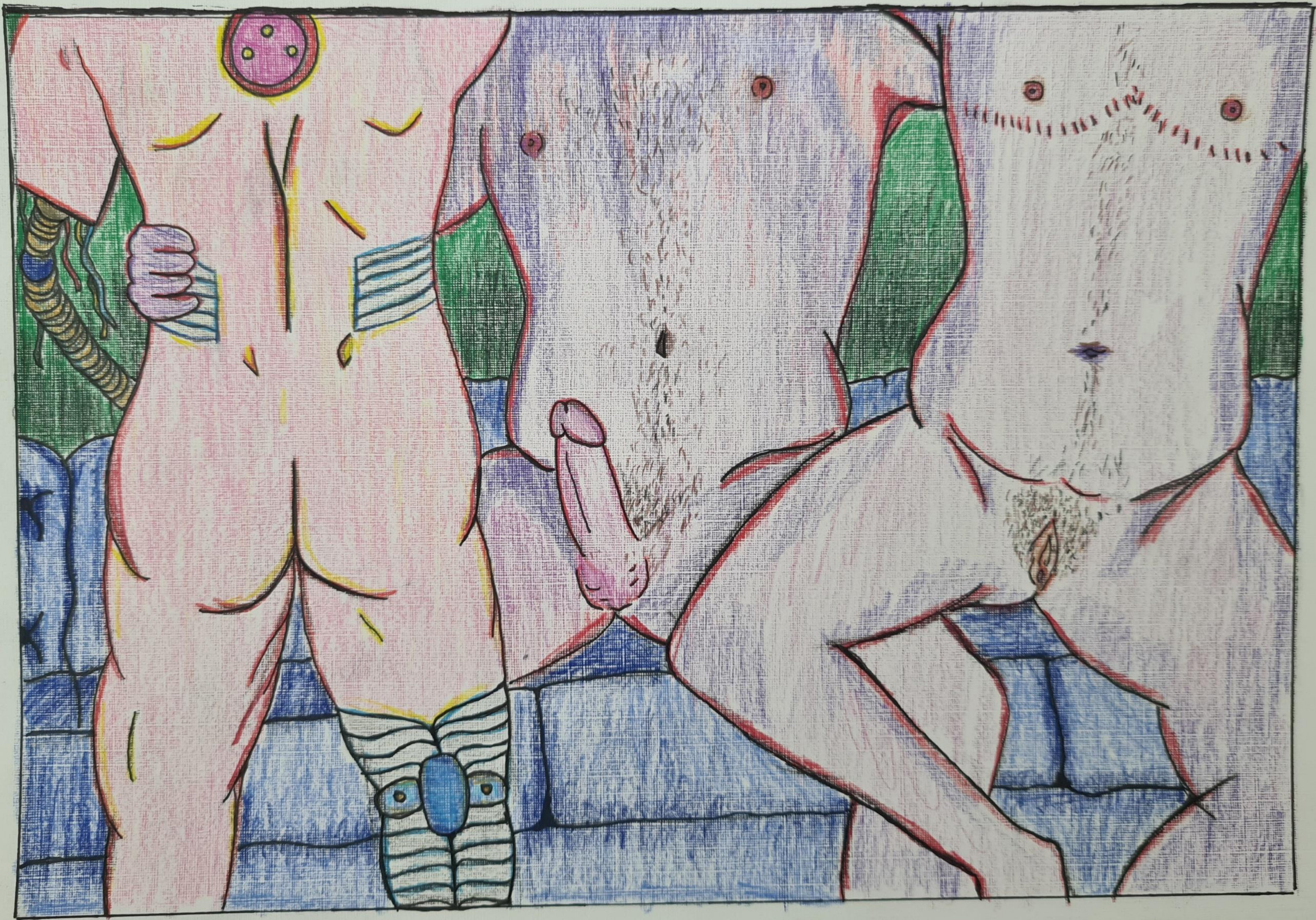


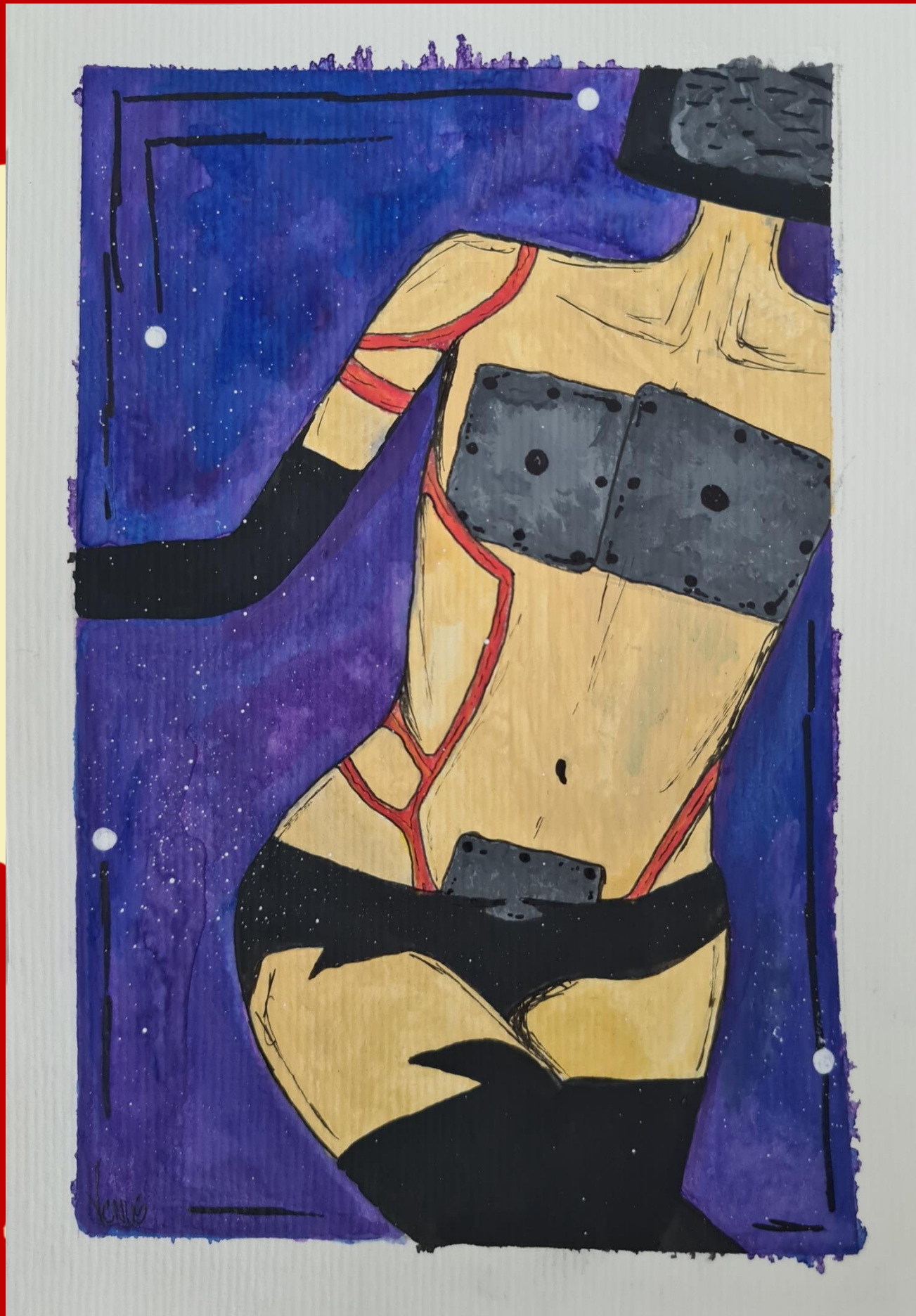


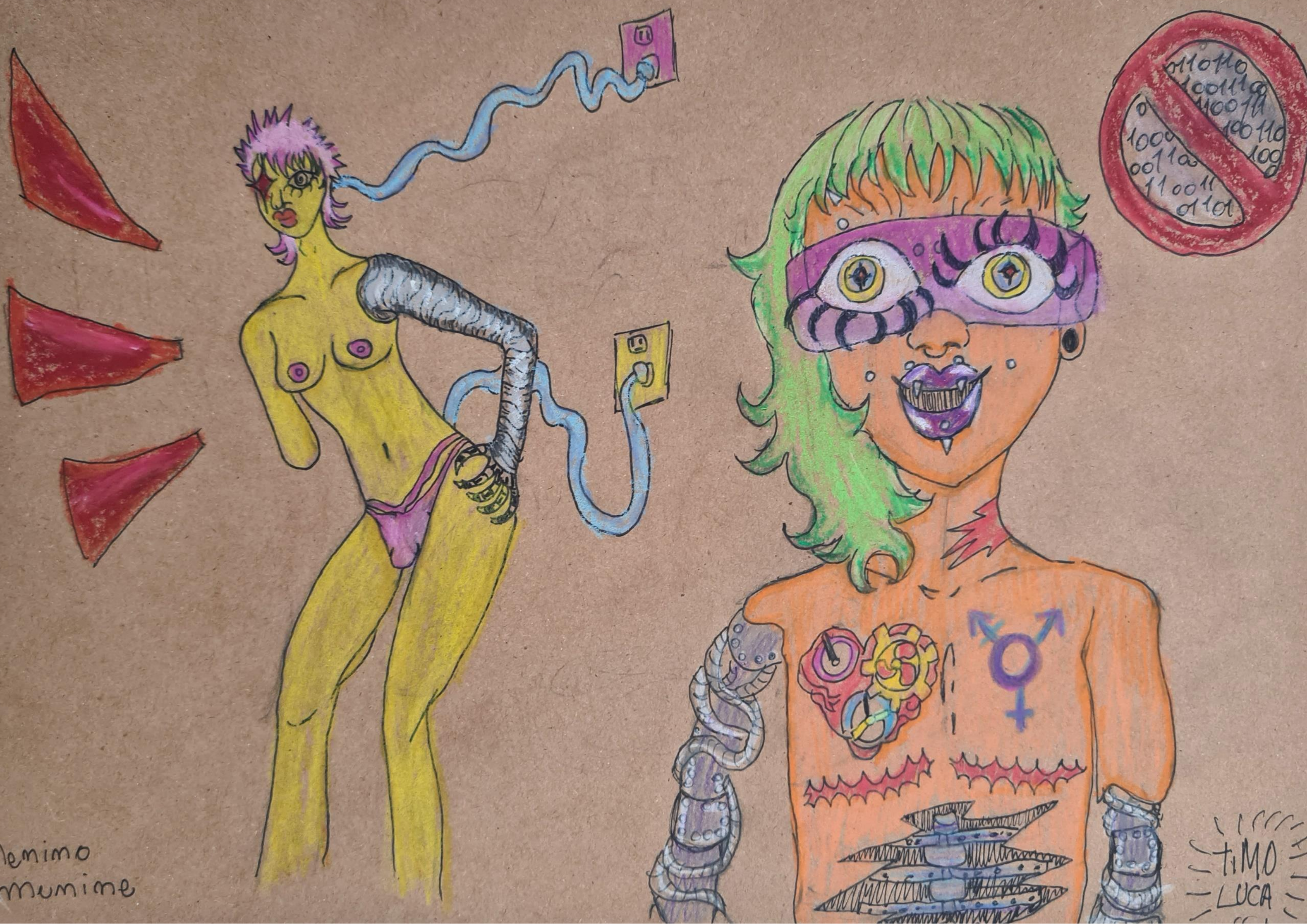






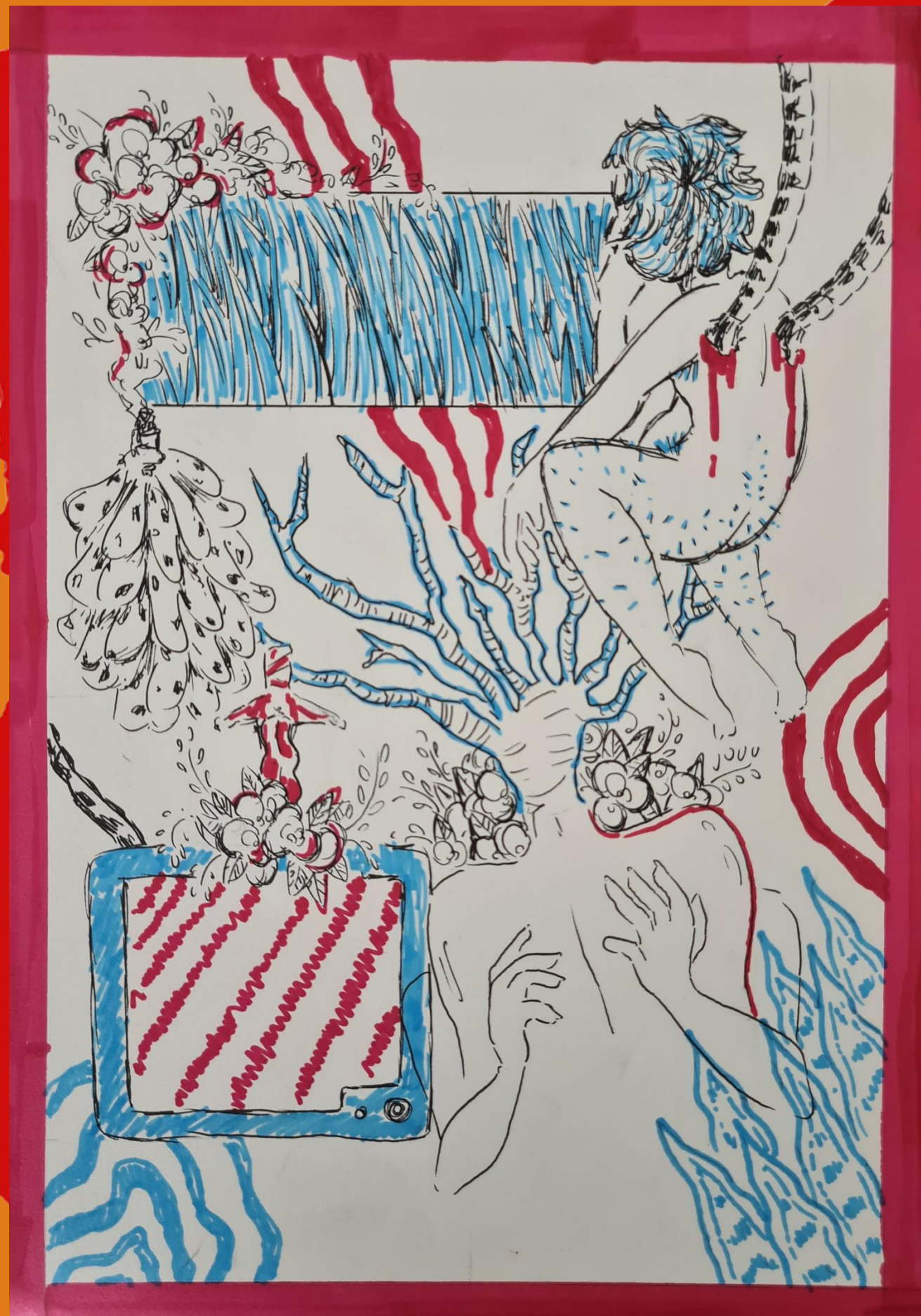






Memimo
mumime

TIMO
LUCA







2.2.1. Especificações Técnicas

O documentário tem duração de trinta minutos e trinta e sete segundos. A elaboração do roteiro foi feita a partir de observações das práticas artísticas dos três artistas selecionados. Os equipamentos utilizados para realizar as filmagens e editar o documentário foram: celular com câmera 4K, iluminadores *LED ring light*, lapelas (microfones) e um computador pessoal para edição. O trabalho de edição do documentário foi feito pelas discentes Charline de Almeida e Karina Campos.

Separamos a descrição do documentário por tópicos, nos quais explicaremos detalhadamente o processo de produção que foi dividido em cinco subtópicos.

2.2.2. Cronograma

DESCRIÇÃO DE ESTAPAS	2022			2023				
	MESES			MESES				
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai
Revisão bibliográfica	X	X	X					
Coleta de dados						X		
Análise dos dados						X	X	
Roteiro				X	X			
Execução (Filmagens)					X	X		
Pós-Produção						X		
Ciclo de Formação							X	
Banca								X

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Estamos habituados à história da arte binária centrada na cis-heteronormatividade. No entanto, os artistas vêm tensionando os cânones da Arte com práticas que rompem com esses paradigmas e ampliam a narrativa histórica, evidenciando existências outras.

Algumas circunstâncias históricas, sociais e políticas ocorreram, o que propiciou o surgimento de artistas ou coletivos de arte que exploram, em suas obras, questionamentos sobre as normas impostas pela sociedade predominantemente cis-heteronormativa. Isso inclui questões de gênero e sexualidade que, anteriormente, eram estabelecidas de acordo com um padrão binário e hegemônico. Como resultado, emergiram artistas com trabalhos voltados a essas problemáticas, fazendo com que a sociedade, ainda que minimamente, perceba a existência dessas pessoas. Nos últimos anos, tem sido notado que a visibilidade tem aumentado através de muitas lutas.

Quando falamos da expressão “dissidência sexual e de gênero”, é importante destacar que ela precisa ser mais questionada e examinada. De acordo com San Martín e Colling (2015), a palavra “diversidade” era originalmente utilizada para se referir às pessoas dissidentes, mas eventualmente o termo tornou-se excessivamente institucionalizado e foi apropriado pelo discurso da “tolerância” politizada.

Por outro lado, tampouco nos interessava uma nomenclatura *queer* diretamente, pois estávamos muito preocupados com essas hierarquias norte-sul, na circulação de saberes e pensando muito fortemente no local, na genealogia local das sexualidades críticas. O conceito de dissidência sexual nos retira dessa lógica multiculturalista inócua, neste momento já muito perto do discurso do Estado, e também não é simplesmente uma repetição de um discurso norte-americano do *queer*, de um discurso metropolitano hegemônico. Ao mesmo tempo, dissidência é pós-identitário porque não fala de nenhuma identidade em particular, mas põe o acento na crítica e no posicionamento político e crítico. (SAN MARTIN *apud* COLLING, 2015, p. 151)

Rubino (2019) afirma que o conceito de dissidência vem para não só evitar discussões desnecessárias acerca do termo *queer* como também para evitar a implementação de outros termos que surgiram e eventualmente foram tomados em favor de discursos cis-heteronormativo e decoloniais, como no próprio caso do termo “diversidade”. Com isso, é sabido que, atualmente, a expressão “dissidência” tem ocupado mais espaço e obtido maior visibilidade, questionando o padrão cis-heteronormativo e a base heterossexual, além de investigar a homonormatividade.

Por isso, é fundamental promover o debate sobre a dissidência sexual e de gênero, a fim de que, por meio desses questionamentos, consigamos possibilitar a desconstrução dessas

concepções que afirmam que os corpos dentro dos padrões eurocêtricos são mais aceitos pela sociedade, enquanto os corpos que se desviam desses padrões, de modo geral, não são aceitos.

Com isso, trazemos este recorte para a nossa realidade e questionamos: **Onde estão esses corpos dissidentes em nosso cotidiano, e onde estão os artistas dissidentes no circuito de arte do Amapá?** Por meio desta pesquisa, buscamos responder a essas questões, dando voz às pessoas dissidentes para que possam compartilhar suas experiências por meio de suas práticas artísticas. É importante debater e explorar essas questões, uma vez que essas existências estão cada vez mais presentes e ganhando visibilidade. Torna-se imprescindível cultivar a empatia e desconstruir padrões opressivos, de modo a promover a convivência pacífica e respeitosa com as diversas pluralidades de sexualidades e gêneros.

Ao invés de ser articulada como uma reivindicação pela incorporação daqueles conteúdos marginalizados ou silenciados pelos relatos historiográficos canônicos, uma interrogação da escrita da arte a partir das desobediências sexuais deveria interromper a escrita da história da arte. (POGGIO, 2018, p. 3)

Os artistas dissidentes que selecionamos para a pesquisa utilizam amplamente as redes sociais para divulgar seus trabalhos e interagir com seu público, tanto aquele que já o segue quanto aquele que ainda não o conhece. Isso tem garantido uma maior visibilidade dessas existências. A cena artista tem crescido através das mídias sociais que anunciam as produções e trabalhos artísticos desses artistas; e é através dessas mesmas mídias que podemos disseminar nosso documentário, que tem como um dos objetivos ser um material educativo. Dessa forma, futuros/as arte-educadores/as podem ter acesso a esse conhecimento e trabalhar a partir das práticas desses artistas.

A ampliação do acesso às novas tecnologias e a massificação das redes sociais certamente constituem outro fato importante para pensarmos nas condições de emergência dessa cena artista. É através das redes que as pessoas conseguem se conectar com as outras, divulgar suas produções e ações, tudo com um custo bastante reduzido, mas também com muitos problemas de censura em função das preconceituosas regras de redes, em especial do Facebook. (COLLING, 2019, p. 15)

Assim, pensamos não só em pessoas dissidentes, mas também em como este assunto propõe que pessoas não dissidentes tenham contato com a vivência desses artistas e a possibilidade de quebrar com a visão negativa imposta por uma sociedade majoritariamente cis-heteronormativa. Segundo o autor,

Da mesma forma, a produção artística brasileira que problematiza as normas sexuais e de gênero, naquilo que hoje poderíamos caracterizar como arte sintonizada com perspectivas *queer*, também não é absolutamente nova [...] No entanto, o que temos percebido com mais intensidade nos últimos anos é a emergência de outros coletivos e artistas que trabalham dentro de uma perspectiva das dissidências sexuais e de gênero e, ao mesmo tempo, explicitam suas intenções políticas, ou melhor, que criam e entendem as suas manifestações artísticas como formas distintas de fazer política, em especial quando contrapostas às formas mais “tradicionais” usadas pelo movimento LGBT e feminista *mainstream*. (COLLING, 2018, p. 158.)

Dessa forma, o debate em questão é pertinente, pois aborda temas que, até meados dos anos 80, eram considerados tabus e malvistas pela sociedade em geral. Essa mesma sociedade oprimia esses corpos e invisibilizava esses assuntos em prol de uma falsa “proteção” da população, resultando em mortes desses indivíduos que eram considerados “falhas”. Com a crescente visibilidade advinda de uma luta constante por direitos e as mudanças políticas e sociais ocorridas ao redor do mundo, essas pessoas, antes consideradas “falhas”, transformaram a existência em si em atos políticos de resistência. Elas se cansaram de serem julgadas simplesmente por existir, e passaram a se orgulhar de sua existência, deixando de ser uma fonte de vergonha.



4. DESCRIÇÃO

Separamos a descrição do documentário por tópicos, nos quais explicaremos detalhadamente o processo de produção que foi dividido em cinco subtópicos. Colocamos também registros dos dias de gravação.

4.1. Escolha dos artistas dissidentes

A seleção dos locais para as entrevistas com os artistas foi criteriosa e baseada em diversos fatores, principalmente na relevância de suas práticas artísticas e no conhecimento prévio que tínhamos do meio artístico em que cada um vive. Para garantir que os artistas

estivessem confortáveis e em um ambiente que refletisse suas produções, optamos por realizar as entrevistas nos locais escolhidos por eles mesmos.

Dessa forma, pudemos ter uma visão mais ampla do trabalho de cada artista e captar aspectos importantes de seus processos criativos. A escolha desses locais também possibilitou que pudéssemos ter uma compreensão mais aprofundada das questões locais que influenciam as produções artísticas desses indivíduos. Acreditamos que essa abordagem nos permitiu coletar informações mais ricas e aprofundadas sobre as práticas dos artistas, contribuindo para um documentário mais completo e representativo dessas experiências.

4.2. Pré-Produção

Inicialmente, selecionamos possíveis artistas dissidentes para participar do documentário e realizamos uma pesquisa para encontrar três artistas com práticas diferentes, que fossem relevantes para a nossa pesquisa, que envolve artistas do Amapá. Em seguida, contatamos os artistas por meio de redes sociais e os convidamos para participar do projeto. Após recebermos a confirmação de que aceitaram o convite, começamos a criar o roteiro com perguntas relacionadas às suas práticas artísticas, e também perguntas sobre ativismo dissidente, dissidência sexual e de gênero, com a finalidade de visibilizá-las. Em apenas três dias, elaboramos o roteiro de perguntas que seriam respondidas pelos artistas.

Definimos o prazo de uma semana para realizar as filmagens e, depois, organizamos os equipamentos necessários para as gravações, tais como iluminação, som e câmera. Em seguida, entramos em contato com os artistas para definir os locais das filmagens e optamos por espaços em que eles se sentissem mais à vontade. A primeira artista entrevistada foi Moka (Moara Negreiros). Foram preparadas nove perguntas focadas em suas práticas e vivências por meio do grafite urbano, com ênfase no ativismo, considerando o feminismo como tema a ser discutido em seus trabalhos. O local escolhido pela artista foi seu ateliê, que está situado em um coletivo de arte chamado Casa Viva, onde ela reside.

Seguindo o roteiro de gravação, a segunda artista entrevistada foi Sereia Caranguejo. O local escolhido pela artista foi sua casa, que também serve como espaço de criação. Elaboramos perguntas relacionadas às suas práticas artísticas, que incluem performance e

ilustrações digitais de corpos dissidentes, com o objetivo de questionar a sociedade em relação aos estereótipos cis-heteronormativos.

O terceiro e último artista entrevistado foi Jonas Modesto, que foca sua prática na arte erótica, valorizando corpos que não seguem o padrão heteronormativo, que a sociedade normalmente dita como “belos”. O local escolhido pelo artista foi a praça pública Floriano Peixoto, localizada no centro de Macapá.

4.3. Produção

Durante o período de uma semana, realizamos as filmagens em locais previamente definidos pelos artistas, seguindo o roteiro elaborado com antecedência. Com o objetivo de coletar uma ampla variedade de material bruto para a pós-produção, repetimos as perguntas várias vezes para obter respostas diversas dos artistas, com perspectivas diferentes. E assim, buscamos garantir um resultado final coeso e bem estruturado, com margem para corte na edição final do projeto.

4.3.1. Entrevista

As entrevistas foram conduzidas de acordo com o seguinte procedimento: agendamos a visita aos locais onde os artistas estavam trabalhando, entregamos a eles os roteiros previamente selecionados e filtrados em conformidade às suas práticas artísticas, e os deixamos à vontade para responder às perguntas e acrescentar informações adicionais sobre os temas abordados.

A primeira entrevista ocorreu no dia 09/03, uma quinta-feira, às 9h00, com Moara Negreiros, também conhecida como Moka. A artista foi muito receptiva conosco e nos permitiu trabalhar de maneira confortável. Ela nos recebeu em seu ateliê, localizado na Casa Viva, onde iniciamos o processo para a entrevista e filmagens. A artista nos apresentou o espaço e indicou os melhores lugares para começarmos as filmagens. Logo após, discutimos com ela sobre a dinâmica da entrevista, já que refaríamos as perguntas diversas vezes para obtermos diferentes perspectivas das respostas, a fim de utilizá-las na edição. As perguntas pensadas para Moka foram voltadas para as pautas feministas e sua prática artística principal, que é o grafite. A artista foi muito solícita ao nosso pedido de separar algumas de suas obras para exibição no documentário. Depois de escolhermos os locais na Casa Viva, dispormos as perguntas e organizamos o material de áudio e vídeo, começamos a entrevista com a artista. As filmagens

foram feitas em dois cenários principais, para desenvolvermos melhor as cenas na edição. A entrevista durou cerca de 6 horas, com intervalos para garantir o conforto da artista. Ao final da gravação, agradecemos a Moka pela disponibilidade de tempo e solicitamos arquivos pessoais para complementar a edição do documentário.



No dia seguinte, 10/03, sexta-feira, às 14h00, entrevistamos a artista Sereia Caranguejo, que gentilmente nos recebeu em sua casa, a qual também funciona como seu ateliê. A artista demonstrou grande entusiasmo com nossa visita, cumprimentando o grupo e nos levando para seu quarto, o cenário principal de gravação. Sereia recebeu as perguntas, e explicamos o processo de entrevista e filmagem. Utilizamos o mesmo método aplicado durante a gravação com a artista Moka, repetindo as perguntas diversas vezes para obter respostas com perspectivas diferentes. As perguntas direcionadas à artista foram voltadas para a dissidência sexual e de gênero, assim como sua prática artística, que consiste em performances e

ilustrações digitais. Solicitamos à artista que separasse alguns de seus trabalhos mais relevantes para que pudessem ser exibidos no documentário. Depois da definição do cenário e da disposição dos equipamentos, iniciamos a entrevista e as filmagens. A entrevista teve duração de 4 horas, com intervalos, e a artista apresentou explicações objetivas sobre suas práticas e fontes de inspiração. Ao final das gravações, solicitamos que Sereia enviasse registros de suas performances e mídias pessoais, para que pudessem ser exibidas no documentário.



A entrevista com Jonas Modesto, o terceiro artista, teve início no Banco da Amizade, localizado no bairro do Laguinho, em Macapá, onde o artista realizou uma pintura nesse espaço. Entregamos as perguntas e permitimos que ele as lesse e pensasse em suas respostas com base em suas práticas e temáticas. Em seguida, dirigimo-nos à Praça Floriano Peixoto, localizada no bairro central de Macapá, que serviu como cenário principal para a entrevista e as filmagens. A entrevista ocorreu em um local público devido à impossibilidade do artista em receber em seu espaço de criação. Enfrentamos algumas dificuldades decorrentes do ambiente

público, como ruídos externos e fluxo de pessoas que atrapalharam o processo de gravação. Solicitamos ao artista que levasse alguns de seus trabalhos para contribuir com as filmagens e, como no processo dos dois artistas anteriores, também utilizamos o método de refazer as perguntas para termos diferentes perspectivas de resposta. As perguntas do artista foram direcionadas às dissidências sexuais e de gênero, étnico-raciais e sobre suas práticas artísticas, que têm foco nos corpos dissidentes. A entrevista ocorreu em 12/03, às 16h00, com duração total de 4 horas, durante as quais conseguimos obter mídias para a edição do documentário. Foi solicitado ao artista que nos enviasse arquivos pessoais para serem utilizados no documentário.



4.4. Pós Produção

Logo após as gravações, iniciamos o processo de armazenamento dos arquivos na nuvem e em nossos computadores pessoais. Depois, fizemos uma análise do material gravado

e filtramos aqueles que seriam utilizados, separando-os em pastas identificadas por artista. Em seguida, escolhemos a trilha sonora que faria parte da composição do nosso projeto. Com o processo de identificação, seleção de material e escolha da trilha sonora concluídos, iniciamos a edição no editor de vídeo *CapCut* (versão 1.6.1).

Utilizamos metade do mês de março para iniciar o processo de edição e tratamento de áudio e vídeo. Fizemos a escolha da fonte que seria utilizada e definimos todo o *layout* do vídeo. Obtivemos um ótimo resultado com o documentário finalizado. No final de março, começamos a criar o memorial com base em nossas pesquisas e no documentário produzido.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por Andrew Midões

Apesar das dificuldades enfrentadas, o processo de pesquisa foi prazeroso. Desde a leitura sobre ativismos ao longo da história da arte até a decolonialidade e as lutas das dissidências por visibilidade em uma sociedade que é dominada pelo padrão cis-heteronormativo. Pude desconstruir a mim mesmo e aprender muito mais sobre sexualidade e gênero. Como um homem branco, cisgênero e gay afeminado, compreendi melhor meu lugar na sociedade. Junto às minhas colegas de TCC, pensamos em como possibilitar visibilidade às pessoas que produzem arte em nossa região, onde essas pessoas têm pouco espaço e pouco apoio. Decidimos ir além em nosso estudo como futuros arte-educadores e realizar nosso orgulho, o documentário “Pertencimentos Dissidentes”, no qual demos voz a três artistas do circuito de arte amapaense, com o objetivo de divulgá-los, alcançar um público maior e reeducar as pessoas sobre essas existências.

Por Charline de Almeida

Foi possível constatar que a invisibilidade dos artistas do Norte é um problema frequente, uma vez que o cenário artístico se concentra nas regiões Sul e Sudeste do país. Por isso, nossa pesquisa concentrou-se em três artistas dissidentes do Norte, com foco no estado em que vivemos, com o objetivo de valorizar o que esses jovens artistas estão produzindo para o cenário local. A pesquisa foi extremamente enriquecedora para mim, pois tive a oportunidade de conhecer de perto cada artista e suas práticas. Foi muito interessante conhecer a cena independente do grafite da qual a artista Moka faz parte, com coletivos formados exclusivamente

por mulheres grafiteiras, produzindo em espaços urbanos, que geralmente são invisíveis ou até marginalizados pela sociedade.

Outro ponto que me chamou a atenção foi a profundidade das performances e percepções da artista Sereia Caranguejo. Percebi que tudo o que ela produz tem um grande impacto emocional nas questões do corpo, algo que também está presente nas criações do artista Jonas Modesto. Ele me trouxe uma sensibilidade para a percepção dos corpos que fogem dos padrões, apresentados em suas ilustrações.

Por fim, o documentário “Pertencimentos Dissidentes” me motivou a pensar nas futuras pesquisas envolvendo artistas dissidentes e as questões abordadas por cada um dos artistas entrevistados.

Pude perceber como a produção desse documentário viabilizou as práticas artísticas dissidentes que produzem para a cena artística contemporânea de Macapá.

Por Karina Campos

Durante todo o processo de criação deste documentário, tive diversas percepções sobre o cenário artístico contemporâneo no estado do Amapá. Eu não conhecia a maioria dos artistas selecionados e fiquei fascinada ao conhecer suas histórias, pontos de vista e práticas. Todos eles me tocaram de alguma forma, e continuo acompanhando-os mesmo após o fim das filmagens. Estou muito feliz com o resultado final deste documentário, apesar das dificuldades em criar um material audiovisual com poucos recursos. Acredito que obtivemos um resultado incrível, e espero que este documentário alcance diversos espaços e pessoas, pois com certeza haverá quem se identifique com um desses artistas ou todos.

6. RESUMO DO ROTEIRO DO VÍDEO

DOCUMENTÁRIO: “PERTENCIMENTOS DISSIDENTES”

CENA 1

MOARA

—

COMO VOCÊ CHEGA AO UNIVERSO DO GRAFITE?

CENA 2

Para você, como suas práticas artísticas colaboram e favorecem o circuito de arte amapaense?

CENA 3

Como você problematiza as experiências do corpo feminino em suas produções visuais?

CENA 4

Você entende sua prática artística como ativista das causas do feminismo?

CENA 5

Sabemos que sua arte tem teor político-social, então, como você observa o papel da arte na promoção do ativismo feminista? E a partir de qual momento você considera que o seu trabalho tenciona a sociedade para as causas do feminismo?

CENA 6

Como você escolhe os locais para produzir seus grafites e como você lida com a reação das pessoas? Alguma vez você já recebeu algum comentário negativo? Como você lidou com isso?

CENA 7

Quais são os maiores desafios que você enfrenta como artista mulher e de rua?

CENA 8

Você tem algum projeto em andamento?

CENA 9

Existe algum ritual ou processo que você segue para sua produção artística?

CENA 10

SEREIA

—

CENA 11

Qual foi sua primeira relação com a arte-performance? O quanto sua percepção de mundo mudou depois do início dessa relação?

CENA 12

Sua identidade de gênero e sexualidade por si só já é um ato de resistência. Como você aborda essas questões em suas práticas artísticas?

CENA 13

Você entende sua prática artística como ativista nas causas LGBTQI+?

CENA 14

Para você, como suas práticas artísticas colaboram e favorecem o circuito de arte amapaense?

CENA 15

Quais dos seus trabalhos você considera com maior alcance político e cultural?

CENA 16

Sobre sua prática artística, conte-nos um pouco sobre seus desenhos digitais e suas performances com a temática de corpos LGBTQIAP+.

CENA 17

Como você problematiza as experiências do corpo negro em suas produções visuais e performáticas?

CENA 18

Sabemos que sua arte tem teor político-social, então, como você vê o papel da arte na promoção do corpo não-binário? E a partir de qual momento você considera que o seu trabalho tensiona a sociedade para as causas do corpo não-binário?

CENA 19

Como você escolhe os locais para exibir seu trabalho e como você lida com a reação das pessoas? Alguma vez você já recebeu algum comentário negativo? Como você lidou com isso?

CENA 20

Quais são os maiores desafios que você enfrenta como artista negro não-binário?

CENA 21

Você tem algum projeto em andamento?

CENA 22

Existe algum ritual ou processo que você segue para sua produção artística?

CENA 23

JONAS

—

Sobre sua prática artística, conte-nos um pouco sobre seus desenhos com a temática de corpos negros LGBTQIAP+.

CENA 24

Sabemos que sua arte tem teor político-social, então, como você observa o papel da arte na promoção do ativismo LGBTQIAP+? E a partir de qual momento você considera que o seu trabalho tenciona a sociedade para as causas LGBTQIAP+?

CENA 25

Sua identidade de gênero e sexualidade por si só já é um ato de resistência, como você aborda essas questões em suas práticas artísticas?

CENA 26

Você entende sua prática artística como ativista das causas LGBTQI+?

CENA 27

Para você, como suas práticas artísticas colaboram e favorecem o circuito de arte amapaense?

CENA 28

Percebi que suas práticas artísticas visibilizam e representam corpos com diversas sexualidades e identidades de gênero. Quais são as suas referências?

CENA 29

Quais dos seus trabalhos você considera com maior alcance político e cultural?

CENA 30

Sobre sua prática artística, conte-nos um pouco sobre seus desenhos com a temática de corpos negros LGBTQIAP+.

CENA 31

Como você problematiza as experiências do corpo negro em suas produções visuais?

CENA 32

Quais são os maiores desafios que você enfrenta como artista negro LGBTQIAP+?

CENA 33

Você tem algum projeto em andamento?

CENA 34

Existe algum ritual ou processo que você segue para sua produção artística?

CENA 35

MIX DE IMAGENS

ÁUDIO DE CONCLUSÃO

—

CRÉDITOS**ARTISTAS:**

JONAS MODESTO

MOARA NEGREIROS – MOKA

SEREIA CARANGUEJO

ROTEIRO E DIREÇÃO CRIATIVA:

ANDREW MIDÕES

CHARLINE ALMEIDA

KARINA CAMPOS

PRODUÇÃO:

ANDREW MIDÕES

CHARLINE ALMEIDA

KARINA CAMPOS

EDIÇÃO:

CHARLINE ALMEIDA

KARINA CAMPOS

TRILHA SONORA:*BEHIND CLOSED DOORS* – OTIS McDONALD*CALI* – WATABOI*CIRCLE DANCE* – DKM*COCKROACH ON TOAST* – RACHEL K COLLIER*KNOWPE* – DKM*LAZY WALK* – DKM*MYDNYTE* – DKM**IMAGENS DE ARQUIVO:**

JONAS MODESTO

MOARA NEGREIROS

SEREIA CARANGUEJO

GRUPO DE ARTE PERFORMANCE AP DELAS

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLING, Leandro, *et al.* **Artivismos das dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2019. 342 p.

COLLING, Leandro. **A emergência dos artivismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade**. Anais do XXI Seminário Nacional de Sociologia e Política, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2018.

hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

LISBOA. **Reflexões sobre a abordagem triangular no ensino básico de artes visuais no contexto brasileiro**. *In*: Matéria-prima. Lisboa, v. 5, n. 1, p. 88-95, jan./abr. 2017.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. 207 p.

RUBINO, Atilio. **Hacia una (in)definición de la disidencia sexual**: Una propuesta para su análisis en la cultura. Luthor, Buenos Aires, n. 39, p. 62-80, jan. 2019.

WOSNIAK, F. **Desaprender, perguntar-se, escutar**: rotas para pensar uma arte educação dissidente. Palíndromo, Florianópolis, v. 15, n. 35, p. 53-73, 2023. DOI: 10.5965/2175234615352023053. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/22809>. Acesso em: 10 fev. 2023.



8. NOTAS DAS IMAGENS³

P. 10 – Foto de abertura do Minicurso “Ciclo de formação: Pertencimentos Dissidentes”. 2023. Acervo dos autores.

P. 12 – Foto, 2º dia do minicurso. 2023. Acervo dos autores.

P. 13, 14 e 15 – Fotos, 1º dia do minicurso. 2023. Acervo dos autores.

P. 16, 17, 18 e 19 – Fotos, 2º dia do minicurso. 2023. Acervo dos autores.

P. 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29 e 30 – Fotos, 3º dia e último dia do minicurso. 2023. Acervo dos autores.

P. 33 – Foto, reunião para orientação do memorial. 2023. Acervo dos autores.

P. 34 e 35 - Fotos, entrevista com os artistas. 2023. Acervo dos autores.

* Todas as imagens dos participantes foram autorizadas

** Para preservar a identidade dos participantes os nomes não serão identificados.

